

Dívida Externa

Crise não deve dificultar acordo, diz Rockefeller

SUELI CAMPO

O presidente do Conselho Consultivo Internacional do The Chase Manhattan Bank, David Rockefeller, disse ontem em São Paulo que a crise política não deve dificultar o acordo de renegociação da dívida externa. "Está perto de ser concluído", afirmou. A dívida do Brasil com o Chase — quinto maior banco norte-americano — é de US\$ 1,7 bilhão.

David Rockefeller está no País para manter contatos com empresários e políticos e para as comemorações dos 30 anos de atividade do Chase no Brasil. Apesar de elogiar o ministro da Economia, Marcílio Marques Moreira, "um hábil negociador que está conduzindo muito bem todo o processo da dívida", o banqueiro admitiu que a implantação do possível acordo pode ser mais rápida ou não, dependendo da situação política.

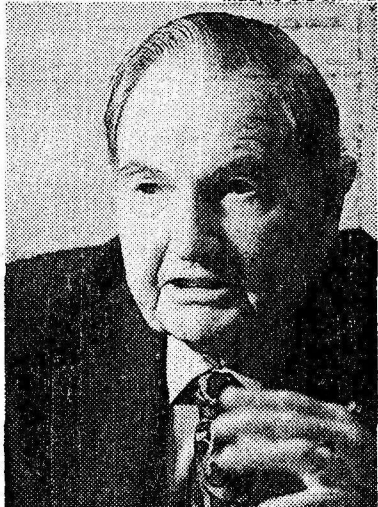
Ele espera que com a renegociação da dívida o programa de reestruturação econômica traçado pelo presidente Collor ao assumir o governo ande mais rápido. Na sua opinião, o presidente e o Congresso devem ter um controle mais rígido e forte da economia para conseguir derrubar a inflação.

O banqueiro considera remota a possibilidade de a inflação chegar a 10% em dezembro, conforme havia prometido o ministro da Economia. Os resultados nos últimos meses são "desapontadores", disse. Segundo o presidente do banco no Brasil, Peter Anderson, o cumprimento dessa meta vai depender do acerto da reforma fiscal.

Como presidente do Conselho das Américas, Rockefeller veio também tratar de questões ligados ao Mercosul. Hoje, se encontra com o presidente Collor, em Brasília, e à noite retorna para os Estados Unidos.

Instabilidade interna — Perspectivas favoráveis no front externo, como confirmou David Rockefeller, não têm contribuído para mudar a situação no mercado financeiro, que ontem acusou novamente o impacto da crise aberta com as denúncias contra

Maurilo Claretto/AE

**David Rockefeller**

"Implantação dependerá da situação política"

Paulo César Faria, o PC. Avaliações divergentes sobre a evolução da crise têm, em comum, o diagnóstico de que os investidores, por cautela, vêm optado por aplicações de curto prazo, à espera de definições no quadro político. "Viveremos dias muito tensos", prevê Cesário Coimbra Neto, vice-presidente do Banco Cacique. "Tranquilidade só haverá quando se conhecer a solução da CPI ao Caso PC."

O que mais se teme, segundo ele, é que o presidente Fernando Collor mude a equipe econômica em troca de apoio político, hipótese que embute o risco de novos choques econômicos e até de dolarização da economia. Nesse contexto, o pronunciamento de Collor no domingo à noite não alterou muito o comportamento dos agentes econômicos, avaliam Coimbra e Orestes Prado, diretor de mercados do Citibank. "O mercado reagiu favoravelmente pela manhã, mas ainda está muito conturbado", conta Prado. Ele ressalta que a insegurança do investidor, contudo, não se traduz em corrida ao dólar e ao ouro, ativos de risco que o governo tem condições de controlar por dispor de US\$ 21 bilhões em reservas de moedas fortes.